

***Mondragon Unibertsitatea:* entre Universidade e Formação Profissional**

[Ricardo Sábia Campos](#)*

*Si hay cooperación podemos ser solidários
y si tenemos solidaridad,
podemos progresar sin amos*

José Maria Arizmendiarieta
(1915-1976)

Resumo

O texto levanta elementos para pensar tanto a universidade quanto a formação profissional a partir de estudos realizados junto a Universidade de *Mondragon – Mondragon Unibertsitatea*. Buscamos assim levantar alguns resultados de pesquisa realizados em *Mondragon*, tendo em vista nossos estudos no Brasil sobre temas de qualificação de mão-de-obra e Sociologia do Trabalho.

Palavras-Chaves: qualificação e requalificação profissional, trabalho, Universidade, competitivismo, desenvolvimento local

Abstract

This paper aims to provide elements that can help the analysis of the role played by the university in the professional qualification using studies realized in the Mondragon Unibertsitatea. We have tried to understand some results of researches realized in Mondragon under the perspective of the studies of professional qualification and labour sociology we are realizing in Brazil.

Words Key: professional qualification and requalification, work, university, competitiveness, local development

Introdução

Pensamos neste trabalho expor rapidamente alguns resultados de estudos realizados na Espanha, e mais particularmente na cidade de *Mondragon*, ou entorno empresarial das Cooperativas de Produção de *Mondragon*.

Lembramos rapidamente que o modelo produtivo das cooperativas de produção de *Mondragon* não se constitui em foco de estudo. O que na verdade se procurava neste

* Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em sociologia da UNESP e pesquisador da FAPESP.

momento era estudar algumas experiências produtivas acerca do tema do “desenvolvimento local”. Assim, após passar dois meses em Veneza e mais dois em Munique, finalizamos nosso período de seis meses pela Europa na cidade de Barcelona, ocasião em que, mediante declaração de interesse, alguns pesquisadores que faziam parte do Programa ALFA – *Latin America Academic Training*, visitaram o complexo produtivo em questão.

Mediante entrevistas, visitas, palestras e material disponibilizado, cada um dos pesquisadores, tendo em vista seus interesses, formulavam questões e direcionavam suas pesquisas.

Neste caso em particular, procuramos aproveitar a pesquisa, compreendida, conforme afirmamos, dentro do tema do desenvolvimento local, de acordo com nossos interesses de pesquisa no Brasil. Sendo que o nosso tema no doutorado versa sobre programas de qualificação profissional realizados pelos sindicatos da agroindústria da região de Ribeirão Preto, é a respeito desta questão que discorreremos neste trabalho¹.

Lembramos que nossa área de concentração e interesse é em Sociologia, ou mais propriamente em Sociologia do Trabalho, o texto se desenvolve procurando levantar e captar questões a este respeito.

Não temos intenção (ou mesmo pretensão) em apresentar a experiência de *Mondragon*, nem com entusiasmo de quem encontrou respostas e soluções, e nem tão pouco com o pessimismo comum entre acadêmicos que acordes com estruturas teóricas fechadas (e muitas vezes impenetráveis) buscam levantar experiências ou materiais empíricos, para que, criticando, validem suas teorias, sob o prisma de abstrações.

Em muitos casos não aprofundamos alguns pontos levantados, simplesmente por que não cabe solucioná-los aqui. Em outro caso, trata-se de artigo originado de trabalho de pesquisa realizado muito rapidamente, e que não visa expor a experiência de *Mondragon* em detalhes, uma vez que existe muitos bons trabalhos já publicados que perseguem com bastante êxito este feito.

O texto se ocupa mais em apresentar o modelo universitário, que na verdade é uma cooperativa de produção inserida no complexo, e daí extrair algumas considerações. O ponto que permeia toda a discussão busca compor uma aproximação entre entorno produtivo e formação profissional, conforme afirmamos este é o ponto que perseguimos.

Por fim, vale observar que não nos furtamos em tecer considerações, muitas inclusive fruto de nossas viagens de pesquisa e contatos com literaturas esparsas sobre temas que apesar de não fugir da nossa área de pesquisa em Sociologia e das Ciências Sociais em geral, não devem ser tomadas como objetivos deste trabalho. E se cabe explicar melhor este ponto, falamos sobre a singularidade marcante do que se entende por “País Basco”. De qualquer forma não seria prudente desconsiderar que *Mondragon* está inserida numa região muito particular e que dentro do contexto europeu apresenta demandas muito específicas. Outras possíveis incorreções só mesmo o texto, por si, pode apontar.

O Complexo Produtivo Mondragon

Mondragon, cidade milenar situada no coração dos Países Bascos, dispensa apresentação. Atualmente se constitui num dos maiores centros de produção empresarial da Europa.

¹ O tema de pesquisa no doutorado, que desenvolvemos no Programa de Pós Graduação em Sociologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista – FFCL/ Araraquara, versa sobre cursos de qualificação profissional realizados pelos sindicatos da agroindústria da região de Ribeirão Preto.

Em que pese esta alcunha, sobre a qual voltaremos no desenrolar do texto, a cidade se apresenta como modelo de desenvolvimento e captação de potencial produtivo, além de exemplo em difusão de conhecimento e, como querem seus participantes, modelo de formação profissional, consciência e solidariedade.

Vale notar que o complexo produtivo *Mondragon* é pioneiro dentro desta tendência crescente de organizações produtivas que enfatizam a composição do local, fenômeno este verificado principalmente na Europa.

Passamos então a mostrar alguns números e informações que foram apresentados por ocasião da rápida pesquisa que fizemos no interior do complexo *Mondragon*.

Ao todo são cento e sessenta e oito cooperativas sedes que fazem parte do grande complexo produtivo, sendo que apenas uma está na cidade de Barcelona, na Catalunha, e todas as demais nos País Basco. Nove delas ficam na cidade de *Mondragon*. O modelo produtivo de *Mondragon*, altamente dependente e integrado no contexto de uma nova realidade produtiva, como dissemos, integra o cabedal do que aqui entendemos como sendo uma nova economia². Este fato se confirma mediante a apresentação de outras cento e trinta e cinco empresas cooperativas no País Basco, que são empresas “participadas³” e não cooperadas. As cooperativas dentro do País Basco, contando as do complexo produtivo e outras que não fazem parte deste entorno, apesar de também se comporem em cooperativas de produção, são em torno de quatrocentos e cinqüenta. Trinta e oito plantas filiadas ao complexo produtivo de *Mondragon* estão distribuídas por todos os continentes. Estes números sugerem além de um forte potencial produtivo “industrial”, um elevado potencial cooperativo do País Basco. Ao contrário do que possa parecer á primeira vista o País Basco não tem potencial agrícola, o que se expressa nas únicas quatro cooperativas agrícolas presentes no entorno. Mesmo assim este ponto, ao que parece, deveria ser melhor desenvolvido, pois a separação que fazem os Bascos entre industrial e agrícola foge ao nosso conhecimento. Também, a formação e difusão do que se entende por fator cognitivo, comunicacional, interacional etc, integra a produção como um todo transvasando verticalmente toda e qualquer área ou setor produtivo. Não há portanto separação possível entre produção (eminentemente) industrial, e outra, puramente agrícola⁴.

O Congresso realizado no ano de 2003 coloca algumas diretrizes básicas a serem seguidas pelo complexo produtivo, lembrando que destacamos apenas as mais sintomáticas e discutidas e que por sua vez apenas reforçam decisões anteriores:

- 1)- transparência
- 2)- Modelo de gestão descentralizada
- 3)- Investimento de resultados entre 1 a 5% no local em que está a cooperativa

O primeiro item se refere particularmente á transparência – pública – na execução das decisões; O segundo, ao modelo descentralizado que busca inverter o modelo de gestão

² Tomamos a liberdade de sugerir, uma vez que concordamos com os conceitos, retirados dos livros: GORZ, A. *L Immateriale: conoscenza, valore e capitale*, Bollati Boringhieri, Torino, 2003. Também: NEGRI, A. LAZZARATO, M. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

³ As chamadas “empresas participadas” comungam de princípios cooperados e orientações gerais neste sentido, contudo, não fazem parte do que aqui se pode entender como uma espécie de instituição, denominada: “Complexo Produtivo de *Mondragon*”.

⁴ O que de certa forma sugerimos aqui, sem, contudo, desenvolver o tema, é que a separação feita entre agrícola e industrial, além de outras, foge ao nosso entendimento. Ao que parece são critérios de separação que deveriam ser questionados, uma vez que uma das bases desta suspeita é o forte histórico (tradição) de coletivismo agrário do País Basco. Dizemos isso com base na Sociologia clássica, que dada a realidade da época tinha um marco de separação muito preciso entre o que vinha a ser rural e o que vinha a ser urbano.

tradicional das grandes empresas, comum no período fordista, em que as decisões partiam do topo. O melhor exemplo é dado pela organização piramidal invertida, em que a decisão tomada no coletivo é levada a ser cumprida pelo topo da pirâmide, que se materializa na, ou nas poucas figuras de alguns representantes; O terceiro reforça o investimento no local, na forma de cristalização das sedes e do potencial produtivo, que agora procura sua expansão através da internacionalização de acordo com a flexibilidade e capacidade legislativa de cada lugar.

Das cento e sessenta e oito cooperativas que estão no País Basco, e que compõem o complexo produtivo, estão distribuídas:

- 1)- Industriais: 135
- 2)- Crédito: 01
- 3)- Consumo: 01
- 4)- Agrícola: 04
- 5)- Educacional: 08
- 6)- Serviços: 06
- 7)- Mistas: 13

Conforme já havíamos afirmado anteriormente a separação que fazem entre uma e outra mereceria observação mais detalhada, pois ao que parece, a tendência crescente do que aqui chamamos de “nova economia”, tende cada vez mais a confundir os fatores e discriminação de critérios que as separam.

Vale dizer ainda que ao todo são 68.624 mil trabalhadores cooperativados nas cento e sessenta e oito cooperativas do País Basco. Estes dados compõem os 81% de sócios contra os 19% de trabalhadores temporários em relação salarial clássica⁵. Estes dados também são provocativos no sentido de um estudo mais pormenorizado, pois remetem diretamente ao entendimento, segundo o qual, estes 68.624 mil trabalhadores são os que decidem os rumos do complexo produtivo em questão. De qualquer forma, ao que se sabe a participação em assembleia se dá mediante cotas acionárias distribuídas entre os trabalhadores cooperativados. Dados estes fornecidos por entrevista com um dos diretores.

Mondragon Unibertsitatea

A Faculdade de Ciências Empresariais de *Mondragon*, a exemplo do que hoje se tem como Complexo de Produção *Mondragon*, nasce em 1960, impulsionada por um grupo de jovens formados na Escola Politécnica de *Mondragon*, e tendo como principal expoente motivador do projeto o padre José Maria Arizmendiarieta⁶.

A iniciativa partiu do trabalho conjunto de sócios em empresas de autogestão que buscavam num primeiro momento atender as necessidades de formação para o mercado. Isso ocorre

⁵ - Importante esclarecer o que aqui chamamos de “relação salarial clássica”, pois ainda que com diferenças marcantes, em ambos os casos, é do assalariamento que estamos tratando. “Relação salarial clássica”, em contraposição ao assalariamento verificado dentro do entorno produtivo, que é integrada pelo fator solidariedade e consciência, conforme declaram seus participantes. Disso resulta que os trabalhadores não estão sujeitos unicamente a antiga lei de mercado, ou a mera relação antagonista entre capital e trabalho, contra aqueles, 19% no caso que estão sujeitos a esta relação.

⁶ José Maria Arizmendiarieta, 1915 – 1976, inspirador e dinamizador da experiência cooperativa do que hoje se constitui o Complexo Produtivo de Mondragon.

desde 1943, quando então a escola nasce a partir dos cursos de formação profissional, lembrando que apenas no emblemático ano de 1968 é reconhecida como universidade; e que só em 1996 o Parlamento Basco reconhece a Universidade.

Antes disso, no ano de 1975 começa com cursos de ciências empresariais, além daqueles já existentes de secretariado e de “professor mercantil”. No ano de 1978 conclui a primeira turma com título de diplomados equivalente ao que se tem como segundo grau, ou ensino médio, no Brasil. Atualmente, compõe a Universidade, a confluência de três faculdades: Escola Politécnica Superior; Faculdade de Ciências Empresariais e a Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação. Da união das três faculdades que hoje formam a Universidade resulta dez cursos de engenharia, que conta com aproximadamente quatro mil alunos ao todo. (<http://www.mep.es>) Sendo que os principais cursos técnicos são:

- 1)- Engenharia técnica industrial em mecânica
- 2)- Engenharia técnica em informática de sistemas
- 3)- Engenharia técnica em eletrônica industrial
- 4)- Engenharia técnica em desenho industrial
- 5)- Engenharia de organização industrial
- 6)- Engenharia em automática e eletrônica industrial

De doutorado:

- 1)- Doutorado em engenharia de organização industrial
- 2)- Doutorado em engenharia em automática e eletrônica industrial

É, portanto, uma universidade que surge a partir da necessidade imediata de formação de empreendedores, e que acaba desembocando numa universidade com contornos humanísticos. Quaisquer semelhanças, ainda que pontuais com casos brasileiros, talvez possam ser encontradas nas famosas Escolas Politécnicas, que hoje fazem parte da Universidade de São Paulo. Apesar de que se atribui à Universidade de *Mondragon*, o feito de ter sido a continuidade da Universidade de *Oñati* que surgiu no País Basco em meados do século XVI. Pessoas envolvidas tanto com a *Unibertsitatea*, quanto com o complexo *Mondragon*, encontram os núcleos de particularidade e singularidade que permeavam tanto a *Oñati* a seu tempo, quanto a *Unibertsitatea* agora, qual seja, o espírito prático e empreendedor. O lema da Universidade, propagado aos quatro cantos por seus administradores diretos é: “*Não queremos formar desempregados – nos adequaremos sempre às necessidades das empresas do complexo*”.

Soma-se ainda o fato de ter sido a primeira universidade a obter o Certificado 9001 de qualidade, de ser uma universidade que nasce como expoente máximo da *Mondragon Corporación Cooperativa*, primeiro grupo industrial privado do Estado Espanhol.⁷

Atualmente são em média mais de quatro mil alunos, considerando todos os níveis, além de alunos visitantes e em sistema de intercâmbio com outros países. Lembrando que apesar da flexibilidade na escolha da língua, entre *Euskera* e espanhol, por exemplo, o inglês é língua obrigatória que todos os alunos devem dominar. Entende-se assim, que mesmo no caso de um

⁷ Veja como um estudo mais detalhado do tema pode sugerir uma compreensão bastante interessante. Pensamos particularmente na compreensão hegemônica que existe no Brasil, sobre a grande discussão Público X Privado. Que pese o caráter corporativo nunca negado do Complexo Produtivo *Mondragon* a difusão de um caráter público dentro da corporação faz “crescer os olhos”. Ao que parece, no Brasil, dado o histórico de construção do Estado Nacional, existe uma grande confusão entre público e estatal.

curso a título de formação profissional, como é o caso daquele de Administração Pública, o inglês e imprescindível.

A Universidade é também membro da AIE – *Association for International Education* consolidando campos de formação vinculada e comprometida com vários países da Comunidade Européia, América Latina e outros continentes. Assim desenvolve uma gama de convênios⁸ com Empresas e Universidades no mundo todo, visando sempre um conceito integrado entre academia e trabalho.

Diretrizes e valores norteadores

Como o modelo universitário segue os princípios de orientação e formação, amparado nos valores básicos do complexo produtivo de *Mondragon*, todas as diretrizes básicas da universidade são tomadas em conjunto com o complexo produtivo, ou em outras palavras, com as empresas. O princípio que orienta a universidade e o complexo produtivo é a formação de valores cooperativos que se espriam em duas vertentes: 1)- trabalho em equipe; 2)- eficiência na comunicação.

Assim definem rapidamente estes princípios:

(...) la Facultad de Ciencias Empresariales de MONDRAGON Unibertsitatea sea uno de los centros más solicitados en su ámbito académico. (...) Su labor está centrada en la formación de profesionales participativos, solidarios y responsables, capaces de trabajar en equipo desde el respeto a la diversidad, com espíritu innovador y afán de mejora continua. Para la consecución de estos objetivos se potencia una atención personalizada, desde una actitud exigente, basando el trabajo en los principios de la calidad total, y mediante la incorporación y utilización de medios humanos y materiales acordes a las necesidades que plante ala empresa actual.(Mondragon Unibertsitatea, 2004).

O princípio norteador é de um conceito integrado entre academia e trabalho. Sendo assim, ao que parece, desfoca do conceito clássico de academia como redoma de conservação do saber separado do progresso técnico, da prática laboral, ou mesmo das ocorrências cotidianas e da perspectiva da ação. A diferença fundamental é que a *Unibertsitatea* tem uma vinculação comprometida com o entorno empresarial do Complexo *Mondragon*, objetivando cada vez mais as necessidades concretas dessas empresas.

Até ai pouco teria de tão inovador, não fosse o fato de nos últimos anos terem saído turmas de pós-graduação das arcadas da Universidade. (doutorado e uma pós-graduação *stritu senso*, ou aperfeiçoamento, que ao que parece, equivaleria a nossa pós-graduação com mestrado). O que parece ainda bastante inovador é o fato de que todos os projetos e teses defendidos são projetos empresariais. Em outras palavras, é o complexo produtivo, que utilizando também de recursos humanos produzidos dentro da Universidade, estuda os setores de ponta e em desenvolvimento, remetendo depois para a própria universidade, quais seriam as áreas de interesse do mercado e produção que mereceriam estudos técnicos, ou mesmo teóricos, no caso da elaboração de dissertação e tese. No caso do final da graduação também se elabora o que chamam de “projeto de fim de carreira” (interessante! A carreira aqui é entendida como tempo de graduação).

Declaradamente a universidade intenta contra a idéia de “carreira” profissional, pois segundo eles esta concepção encerra um princípio estanque de formação de elite bem remunerada em

⁸ -Alguns programas com os quais a *Mondragon Unibersitatea* mantém convênio: Sócrates, Erasmus, Crepuq, Leonardo, Focad, Alfa. Além de outros programas de investigação e desenvolvimento como Esprit, Brit, Eureka, Esa, Sprint etc.

detrimento de uma maioria de trabalhadores com poucos ganhos. Antes disso propagam abertamente a idéia de que o potencial produtivo e distributivo, sob o qual devem erigir seus princípios solidários, deve se amparar na capacidade de inovação e qualificação de todos os membros cooperativados. Para se ter uma rápida idéia disso que estamos falando, basta dizer que o grande pólo produtivo, do qual a Universidade é tida como órgão vital, está em fase de “vender idéia”⁹.

Ao que parece, estão procurando produzir o que atualmente se constitui no principal fator produtivo da nova economia¹⁰: a economia do conhecimento. Que nada mais é, que produzir conhecimento, sendo que este se constitui no expoente central de acumulação. Neste particular a produção nada, ou pouco tem, de material, pois senão, significaria perguntar o quanto vale uma idéia.

Esta discussão acerca da implantação, internacionalização ou traslado de modelos, que também foram minimamente estudados durante o período que estivemos em Veneza e Munique, porém sob outro prisma, se constitui hoje em discussão central em todos os modelos de desenvolvimento local que estudamos na Europa. No caso de *Mondragon*, insiste-se bastante na captação de potencial local, ou seja, nas especificidades, demandas, necessidades e potenciais do local.¹¹

A Universidade também divulga sua intenção, que ao que parece, fortemente amparada em valores ideológicos do cristianismo e do cooperativismo (pensamos muito no que se tem por “socialismo cristão” no Brasil, impulsionado principalmente por correntes católicas da América Latina) que é lutar, incessantemente, rumo a uma sociedade mais justa e menos desigual. Neste momento, não nos furtamos em tecer críticas aos modelos universitários que buscam formar e reproduzir uma casta, uma elite intelectual seleta e intransponível, com possibilidade de ascensão para poucos, e quase sempre valorizando um perfil intelectual que está fora do entorno produtivo. Por outro lado a crítica também pode ser direcionada aos modelos de formação profissional que visam um treinamento rápido e aprendizado específico, não permitindo o desenvolvimento das potencialidades humanas e reproduzindo um perfil profissional de trabalhadores treinados para vender suas forças de trabalho ao capital. Também ao modelo verificado em *Mondragon* cabe críticas, a primeira delas, poderia ser, com relação a humanização e cientificação da “exploração” do trabalho, mas este não nos parece o espaço adequado para estas considerações, e conforme apontamos, não possuímos informações suficientes para tanto.

⁹ Vender idéia significa exportar para fora do complexo produtivo idéias criadas e desenvolvidas ali. Em outras palavras: “vender conhecimento”.

¹⁰ Usamos o termo “nova economia” como forma de diferenciação do arcabouço institucional que caracterizou o período fordista. (de uma economia regulada pelo Estado), Muito se poderia dizer sobre esta nova economia e sua principais características, além de apontar as discussões formuladas sobre o tema. Contudo, citamos apenas alguns pontos de contraste, com a “velha economia”, que valem para entender o ponto que nos interessa neste trabalho. Uma economia que valoriza o conhecimento e as decisões rápidas e criativas, em contraste com o fordismo, que no tocante às relações de trabalho primava pelo aprendizado rápido e a tomada de decisões orientadas. Uma economia que tem como fonte do valor o conhecimento e não mais, ou melhor dizendo, não apenas, na valorização do capital material. Uma economia que prima pelo fator qualitativo e diferenciador, enquanto na produção em série fordista a principal atenção era dada à quantidade e ao consumo de massa.

¹¹ O que se pretende chamar a atenção, aqui, é que no caso de *Mondragon*, o que parece bastante particular é a criação local de uma instituição corporativa de produção. O tema do desenvolvimento local pode ser estudado sob vários prismas, e assim entendemos que o modelo produtivo aqui em questão aparece como uma das formas de organização de produção e desenvolvimento local. Em outras realidades estudadas, como no nordeste italiano, por exemplo, temos os distritos produtivos do Veneto. Também distritos do conhecimento criados sob forma de projetos de desenvolvimento urbanístico da cidade de Barcelona. Outras vertentes falam em “aglomeração produtiva”; Outras ainda em “Tics”: novas tecnologias de produção.

Para uma aproximação entre teoria e prática

Poderíamos dizer que não se trata de Universidade, mas sim de Escola Profissionalizante, talvez, apenas mais desenvolvida que aquelas do sistema “S” (Sesc, Senai e Senac) no Brasil. Ocorre que a partir do momento que passa a ser Universidade tal qual hoje a conhecemos a *Unibertsitatea* passa a aceitar alunos de todas as partes do globo que pretendam desenvolver estudos universitários de interesse de pesquisa do complexo, bem como repassam para os cursos de graduação aqueles que concluíram a formação básica no interior da própria universidade. Também, no caso de graduados que agora desenvolvem estudos a título de pós-graduação.

Outro detalhe importante e que reforça a vinculação entre Universidade e o entorno empresarial local é o fato de que, o aluno do ensino médio, tem uma vinculação muito estreita entre aprendizado e trabalho a partir do meio dia que trabalham em algumas das empresas do complexo produtivo recebendo o vencimento de um salário mínimo por mês. (o salário mínimo espanhol que quando escrevo é de 420 Euros). Estes alunos são recomendados da Universidade para as empresas que tem trabalhos e afazeres compatíveis com suas áreas de estudo e interesse a partir do segundo ano do ensino médio, lembrando que este vai até a final do terceiro ano quando então concluem seus estudos.

A formação básica tida como curso técnico, equívale, portanto, ao que se entende por ensino médio no Brasil. A partir de então o próprio aluno decide se seguirá á graduação direcionando seus estudos para a pesquisa de cunho mais teórico, ou se então vai para a indústria. - Mesmo assim, aqueles que optam por trabalhar na indústria de produção do complexo ao invés de seguir seus estudos passam continuamente pelo que chamam de “formação continuada”. Esta visa mais do que qualificar, e requalificar os trabalhadores, tendo em vista tanto a manutenção do exercício do trabalho quanto a inovação técnica e científica dentro do parque produtivo. Sendo assim, a aproximação entre pesquisa e trabalho (prática) apresenta características muito particulares, de grande eficácia e eficiência, se tomarmos comparativamente outros exemplos como no caso o brasileiro.

É preciso ainda ter em mente que se trata de uma Universidade privada, mas que não pode ser comparada com os investimentos privados na educação tal qual conhecemos no Brasil, desde que o sentido que comumente aplicamos no Brasil à divisão bipolar público e privado, não podem ser aplicados a esta realidade.

Antes de tudo é preciso lembrar que a maioria dos trabalhadores em autogestão do complexo produtivo de *Mondragon*, não são empregados que vendem suas forças de trabalho para o capital. Momento em que a concepção, segundo a qual, existem dois pólos de tensão separados, que se comunicam, mas seguem interesses diversos, como sendo capital e trabalho não se aplicam a esta realidade. A maioria dos trabalhadores de *Mondragon*, e, portanto, dos alunos da *Unibertsitatea* são sócios e não empregados. Os depoimentos de membros responsáveis pelo complexo produtivo apontam a porcentagem de 81% do total de trabalhadores do complexo dentro do País Basco, como sócios, sendo que apenas 19% são trabalhadores empregados em sua maioria em caráter temporário. Estes números mudam um pouco se olharmos para o Estado Espanhol, em que se aponta uma média de 87% de trabalhadores sócios em empresas de autogestão, filiados ao complexo produtivo de *Mondragon*.

Sendo assim, a quase totalidade das pessoas envolvidas com a universidade tem direito a voto nas grandes Assembléias que são os órgãos decisórios e deliberativos. É o que chamam de

participação direta em todas as diretrizes da universidade. Lembrando que existem diferenças no peso dos votos entre alunos, funcionários, e administradores. Ao que temos informação à maioria dos trabalhadores que não tem direito a voto vêm do setor de limpeza e manutenção, que quase sempre não são sócios, mas empregados terceirizados do setor de serviços.

Esta composição entre formação – aprendizado e trabalho só é possível uma vez que existe uma vinculação direta entre entorno produtivo e formação de competências. Tanto é que a Universidade procura ampliar e substituir suas diretrizes a partir da captação de competências e da criação de valores. As próprias disciplinas, seus conteúdos, os ciclos e organizações passam por uma dinâmica constante que se altera sempre, com vistas à organização produtiva do entorno.

Tudo orientado para a formação de valores cooperativos e desenvolvimento de competências. Neste sentido o grande pólo de inovação universitário busca criar um complexo de sinergia de captação de conhecimento, e formação e transmissão deste mesmo conhecimento, através principalmente da comunicação.

Mondragon e País Basco

Um outro ponto merece ser lembrado, ainda que não tenhamos nem tempo e nem mesmo elementos e informações para desenvolvê-lo aqui. Diz respeito ao que se entende por “questão basca¹²”. Como se sabe o País Basco, mais particularmente as três províncias que estão dentro do Estado Espanhol, empreendem uma luta histórica pela conquista de sua independência, uma vez que já possuem grande autonomia com relação à Espanha. Esta luta deve, ao que nós parece, ser entendida para muito além de mera questão política, ou mesmo como simples questão de um pequeno grupo basco com táticas e orientações que se movem no campo da ilegalidade.

Sugerimos assim, que em boa medida, ou talvez até mesmo originalmente, o problema basco está amparado numa longa reprodução coletivista – isso sem apontar, mas apenas sugerindo, o passado e a tradição do coletivismo agrário, que ainda hoje podem ser observados em muitas pequenas comunidades do País Basco.

Ainda que estes apontamentos figurem apenas como sugestões (e, em que pesem as incorreções intuitivas) a luta pela autonomia ou independência do País Basco passa necessariamente pela formação de um parque produtivo. Por mais que as tendências contemporâneas sejam de destruição de fronteiras dos antigos Estados Nacionais, os bascos têm conseguido cada vez mais autonomia, que pode ou não se voltar para o que entendemos como desenvolvimento local. Basta notar que uma das últimas conquistas significativas dos bascos foi a completa autonomia na gestão da educação. Autonomia esta, que além do mais resultou na recuperação da língua, o *Euskera*, que tinha sido proibida desde a ascensão até o final do governo *franquista* na década de setenta. Se as gerações que viveram o *franquismo*, ou mesmo aquelas que se educaram no primeiro momento do período pós *franquista* não sabiam, ou seja, não se comunicavam em *Euskera*, atualmente a grande maioria das crianças em nível escolar estudam esta língua. A própria *Uniberstsitea de Mondragon* preocupada

¹² - Quando falamos em “Questão Basca” estamos sugerindo simplesmente os problemas que permeiam o que se entende por “País Basco”. As três províncias situadas dentro do Estado Espanhol, têm empreendido desde sempre forte resistência à aceitação da centralização do poder político que tem Madri como sede. Portanto, a utilização do termo visa apenas apontar uma questão, ou problema latente, que existe na região. Problema este que se estende num crescente poder autônomo (autônomo com relação ao Estado Espanhol) que se forma nesta região. Apesar do sistema político espanhol que aponta as “regiões autônomas”, os Bascos têm maior autonomia, de fato, que qualquer uma das outras regiões, inclusive a Catalunha.

com a ausência de quadros buscou rapidamente formar e mobilizar profissionais competentes que ministram aulas em *Euskera*.

Mesmo sem ter números exatos, ao que parece, as crianças do ensino fundamental, optam desde o primeiro momento entre estudar ou não a língua dos bascos. Ao que parece, cerca de 97% optam pelo *Euskera*, juntamente com o espanhol.

Conclusões

Conforme havíamos apontado inicialmente, não procuramos aqui defender, nem mesmo atacar o modelo produtivo de Mondragon. Também não foi nosso objetivo apresentar com precisão esta experiência produtiva.

Se em algum momento for preciso classificá-lo, ao que parece, melhor seria situar este trabalho como daqueles textos elaborados sob o olhar de estranhamento do pesquisador. Um pouco sugestivo, um pouco diário de campo. Mesmo por que a elaboração deste trabalho se deu dias depois de tomarmos contato com uma realidade por nós desconhecida até então. Ou melhor dizendo, dias depois de ter visitado *Mondragon* como pesquisador visitante.

O que existe, portanto de verificação comparativa, nada tem de analítico. O que ocorre, isso sim, é que trabalhamos uma experiência nova, verificada e constatada, sobre a qual conhecíamos vagamente via literatura específica. Foi desta forma que procuramos eleger um núcleo por assim dizer, duro, qual seja, trabalho e formação, para com vistas na realidade verificada, levantar alguns pontos que servissem de orientação e pesquisa para o tema no Brasil.

Bibliografia

COCCO, G. URANI, A. GALVÃO, A. P. (organizadores) *Empresários e Empregos nos novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália*, Rio de Janeiro, DP&A Ed. 1999.

GORZ, A. *L Immateriale: conoscenza, valore e capitale*, Bollati Boringhieri, Torino, 2003.

HARVEY, D., *Condição Pós Moderna*, São Paulo, Loyola, 1993.

NEGRI, A. LAZZARATO, M. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

NIETO, R., *Los Vascos*, (i) Madri, 1996.

PIORE, M. SABEL, C. *The Second industrial divid: possibilities for prosperit*. New York: Basic Books, 1984.

RULLANI, E. *Il Postfordismo: Idee per il capitalismo prossimo venturo*. Milano, Etas, 1998.

Periódicos

Informe Anual 2002: Mondragon Corporacion Cooperativa, Mondragon, Impresion: Elkar mcccgraphics, 20 de mayo de 2003.

Corporate Profile (Perfil Corporativo) Mondragon: Corporacion Cooperativa, Imprenta: Elkar, s. coop.-, 2003.

Sites e portais:

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DEL TRABAJO, Sindicatos y Formacion: *O programa de formação, qualificação e requalificação profissional*. Acesso: <http://www.Cinterfor.Org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/worker/doc/otros/i> Acesso em 11 set. 2003

_____. Sindicatos y Formacion: *O Sistema Público do Emprego Como Peça do Estado de Bem Estar*. Acesso: <http://www.Cinterfor.Org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/worker/doc/otros/i> Acesso em 11 set. 2003

MONDRAGON UNIBERTSITATEA: *Escuela Politécnica Superior, Facultad de Ciencias Empresariales, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación*, portal: <http://www.mep.es>

SAPIA DE CAMPOS, Ricardo, *A Terceira Itália e a Nova Qualidade do Trabalho: perspectivas para uma análise comparada*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003

_____. *Globalização e Conhecimento: aspectos para o tema da qualificação profissional no âmbito dos territórios*, - Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> -, UAB, Barcelona, 2004.

_____. *Barcelona: “cidade compacta”. – um projeto urbanístico para emprego, renda, e qualificação profissional*. Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> - , UAB, Barcelona, 2004.